



## **O Esporte e as Mulheres: uma Relação entre Atletas, Jornalistas e Espectadoras<sup>1</sup>**

Adriana MAESTRELLI<sup>2</sup>

Denise WERNECK<sup>3</sup>

Maria Teresa Marins FREIRE<sup>4</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR

### **Resumo**

O artigo aborda a participação das mulheres no esporte como atletas, jornalistas e espectadoras. Um levantamento histórico demonstra o preconceito com a sua inclusão na área esportiva. Com persistência e coragem, elas conseguiram sobrepujar as dificuldades e participar de jogos olímpicos além de atuar como jornalistas, comentando, informando e debatendo os eventos esportivos. O objetivo é conhecer a relação da mulher com o esporte e metodologicamente foi desenvolvido por meio da pesquisa bibliográfica e de pesquisa de opinião com aplicação de questionários. Os achados demonstram o crescimento gradual e forte das mulheres nas competições, no jornalismo e como espectadoras.

### **Palavras-chave**

Esportes; Histórico; Jornalismo; Inclusão Socioesportiva.

### **Introdução**

Fatos históricos relatam sobre a dificuldade da participação das mulheres em atividades esportivas desde os tempos da Grécia Antiga até a Era Moderna, com os Jogos Olímpicos. Durante esse período, as mulheres eram proibidas de participar das atividades ou até mesmo de assistirem.

Entretanto, essa situação se modificou em virtude das conquistas sociais que proporcionaram à mulher maior liberdade de ação e na década de 1930 iniciou-se a inclusão das mulheres nas competições esportivas e somente na década de 1960 as mulheres começam a trabalhar como jornalistas esportivas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social - Jornalismo (PUCPR) [adrianamaestrelli@hotmail.com](mailto:adrianamaestrelli@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Saúde ênfase em Comunicação (PUCPR) [denisewerneck.f@gmail.com](mailto:denisewerneck.f@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Ciências da Saúde ênfase em Comunicação e Educação (PUCPR)  
[freire.mteresa@gmail.com](mailto:freire.mteresa@gmail.com)



Esse artigo tem como objetivo conhecer a relação da mulher com o esporte com ênfase no atletismo e no jornalismo esportivo.

Em vista do destaque que as mulheres estão conquistando em todas as áreas, como na governamental, profissional, de negócios, atletismo entre outras, torna-se necessário divulgar as lideranças femininas como exemplo e estímulo para outras mulheres e meninas. Além disso, há pouca literatura abordando historicamente a trajetória das conquistas femininas. Esse estudo, portanto, tem como enfoque as mulheres que atuam no esporte como atletas, jornalistas e também como audiência.

Como abordagem metodológica, utilizou-se a pesquisa bibliográfica que forneceu o embasamento teórico sobre o tema. Também foi usada a pesquisa quantitativo-qualitativa com aplicação de questionário para levantar a opinião das mulheres sobre a sua ligação com o esporte. Igualmente foram realizadas entrevistas em profundidade para detectar a opinião de especialistas sobre o tema.

### **As mulheres e o preconceito no esporte**

A relação das mulheres com o esporte, seja como atletas, jornalistas esportivas ou apenas espectadoras, tem se fortalecido e elas estão conquistando cada vez mais seu espaço no meio esportivo. Conforme Dunning e Maguire (1997, p. 19) explicam,

[...] o esporte tende a representar uma importante fonte de experiência da validação da masculinidade a ser percebida como uma barreira contra a feminização e a emasculação. Contudo, esse *status* do esporte se encontra ameaçado na medida em que o poder crescente e, conseqüentemente, a autoconfiança, a auto-afirmação e a independência das mulheres permitem que elas possam desafiar com sucesso as idéias e as instituições andriarcais (patriarcais) e entrar, elas também, no mundo dos esportes.

Rubio e Simões ainda afirmam que "[...] a mulher foi considerada como usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino" (1999, p.50). Porém, a situação está mudando conforme entrevista com a atleta de vôlei de praia, Larissa França em que defende a ideia que a mulher está conquistando seu espaço, declarando:

hoje em dia o mundo está muito mudado, mas antigamente lugar de mulher era em casa, cozinhando e cuidando dos filhos. A sociedade já



evoluiu bastante e as mulheres já conseguiram provar que são capazes, em vários setores, não só no esporte, pois a mulher tem capacidade tanto quanto o homem para exercer qualquer função (FRANÇA, 2011).

As mulheres ainda têm que enfrentar muito preconceito, por causa da importância dada ao desempenho e presença do gênero masculino em várias áreas de trabalho. Goellner (2007 apud GOELLNER 2008, p.5) define o termo “gênero” como ferramenta teórica e analítica que justifica as diferenças entre homens e mulheres pelas estruturas corporais, que determinam funções sociais e atividades realizadas por um ou outro sexo.

Gould (Goellner (2007, p.184)) destaca a influência do determinismo biológico e o define como uma “perspectiva teórica que sustenta a ideia de que as normas comportamentais compartilhadas bem como as diferenças sociais e econômicas existentes entre os grupos humanos – principalmente de raça, classe e sexo – derivam de distinções herdadas e inatas”.

Fica evidente que os únicos argumentos históricos para a exclusão da mulher do esporte eram as características físicas que, hoje, não se aplicam mais, uma vez que já conquistaram seu espaço até mesmo em modalidades de alta resistência física.

Conforme Oliveira et al (2008) os Jogos Olímpicos da Era Moderna iniciaram em 1896, mas as mulheres só tiveram chance de inclusão em 1900, nas Olimpíadas na França, em Paris, quando alguns esportes foram liberados na modalidade feminina, como tênis e golf, por não terem contato físico e serem considerados esteticamente belos. Num feito histórico, a britânica Charlotte Cooper foi a primeira mulher vencedora nas Olimpíadas, porém, não ganhou medalha, pois jogava tênis, que não era contemplado com premiação.

Em 1908, nos Jogos Olímpicos de Londres, a participação feminina cresceu consideravelmente, com 37 atletas, competindo em patinação no gelo, arco e flecha e tênis.

De acordo com os autores, em Estocolmo, os próprios homens incluíram as mulheres em provas de natação e a Federação Internacional de Natação Amadora (FINA) se tornou a primeira instituição a promover a participação feminina.

Os Jogos Olímpicos de 1916 não aconteceram devido à Primeira Guerra Mundial. Na edição de 1917, novamente se enfrentava a mesma dificuldade: a não aceitação do



Comitê Olímpico Internacional (COI) em incluir mulheres nas Olimpíadas. Surge então a francesa, Alice Melliat, que desafiou a entidade e criou a *Fédération Sportive Féminine Internationale* (Federação Esportiva Feminina Internacional – FEFI) e se tornou a primeira mulher a receber o diploma de remadora de longa distância.

A FEFI realizou várias ações para pressionar as entidades que eram contra a participação feminina nos esportes, sendo uma delas os Jogos Mundiais Femininos, que aconteceram nos anos 1922 e 1923, em Monte Carlo, no Principado de Mônaco e contou com a participação de 300 mulheres na primeira edição, aumentando para 700 na segunda e ainda mais na terceira.

Outro nome de destaque que promoveu inovação na moda esportiva feminina foi Suzanne Lenglen. A atleta francesa além de ter sido seis vezes campeã em Wimbledon, se destacou ao usar camisas sem mangas e vestidos e saias mais curtos para jogar tênis.

Oliveira et al (2008) relatam que em 1924, 135 mulheres participaram das Olimpíadas, novamente em Paris, nas modalidades de natação, esgrima, saltos ornamentais e tênis. Em Amsterdã, no ano de 1928, além de ter aumentado o número das atletas para 277, houve um acréscimo nas modalidades, ao serem incluídos ginástica e atletismo. Esta última gerou polêmica ao ser questionado o desempenho feminino na prova de 800 metros rasos, já que o argumento era a extrema fadiga em que as atletas ficaram, criando então, de forma machista, a hipótese de que elas não teriam capacidade física para participar das provas de rendimento.

A primeira presença feminina brasileira aconteceu apenas em 1932, nos Jogos de Los Angeles com somente uma atleta, de um total de 85 atletas masculinos. Conforme informações do Comitê Olímpico Internacional (COI, 2011), a única brasileira a participar das Olimpíadas em Los Angeles foi também a primeira mulher sul-americana a participar de uma competição Olímpica. Maria Emma Huld Lenk-Zigler competiu em natação, nas provas de 100m livre, 100m costa e 100m peito.

Em entrevista à revista Aventuras na História em 2007, Maria Lenk, esclareceu que apesar de ter conseguido um marco na história das mulheres no esporte, sofria muito preconceito no Brasil. Ela conta que quando foi morar no interior de São Paulo, embora já tivesse participado de duas Olimpíadas e ter se tornado famosa, foi excomungada pelo bispo da região, por causa de seu maiô e afirma que foi criticada por não ter ganhado medalhas. Seu desempenho foi reconhecido somente anos mais tarde.

Outras duas modalidades, ginástica rítmica e natação sincronizada, foram incluídas para performance somente feminina, de acordo com as informações do Comitê



Olímpico Brasileiro (COB, 2011). Com a primeira competição em 1961, a ginástica rítmica surgiu quando atletas de diversos países europeus decidiram inovar, unindo a ginástica artística, com ritmos musicais. Foi reconhecida como esporte Olímpico apenas em 1984 e é caracterizada pela delicadeza dos movimentos e com provas individuais e em grupos.

A natação sincronizada, antes de se tornar um esporte Olímpico, foi atração de cinema, em filmes musicais. A modalidade foi criada por Katherine Curtis, unindo os movimentos na água à música e em 1930, após uma apresentação de seus alunos na Feira Século do Progresso realizada em Chicago, o nadador olímpico Norman Ross criou o termo “natação sincronizada” e se tornou um dos poucos esportes apenas de mulheres.

Mas a partir dos Jogos de Berlim, em 1936, ficou notório o crescimento da presença feminina nas Olimpíadas. Elas representavam aproximadamente 10% do número total de atletas, na época. O percentual aumentou para aproximadamente 42% nas Olimpíadas em Pequim, na China (2008). Essa mudança é confirmada na Tabela 1, cujos números demonstram a conquista feminina no cenário esportivo:

Tabela 1 – Mulheres participantes das Olimpíadas em relação ao número geral de participantes com destaque para o Brasil.

Ano	Local	Geral		Brasil	
		Participantes	Mulheres	Participantes	Mulheres
1896	Atenas	241	-	-	-
1900	Paris	997	22	-	-
1904	Saint Louis	651	-	-	-
1908	Londres	2.008	37	-	-
1912	Estocolmo	2.407	48	-	-
1920	Antuérpia	2.626	65	21	-
1924	Paris	3.089	135	12	-
1928	Amsterdã	2.883	277	Não participou	-
1932	Los Angeles	1.332	126	67	01
1936	Berlim	3.963	331	94	06
1948	Londres	4.104	390	81	11
1952	Helsinque	4.955	519	108	08
1956	Melbourne	3.314	376	48	01



---

1960	Roma	5.338	611	81	01
1964	Tóquio	5.151	678	68	01
1968	México	5.516	781	84	03
1972	Munique	7.134	1.059	89	05
1976	Montreal	6.084	1.260	93	07
1980	Moscou	5.179	1.115	109	15
1984	Los Angeles	6.829	1.566	151	22
1988	Seul	8.391	2.194	170	35
1992	Barcelona	9.356	2.704	197	51
1996	Atlanta	10.318	3.512	225	66
2000	Sidney	10.651	4.069	205	94
2004	Atenas	10.625	4.329	247	122
2008	Pequim	10.942	4.627	277	133

---

Fontes: Comitês Olímpicos Internacional e Brasileiro

Fica evidente, por meio dos números apresentados na tabela acima, o espaço que as mulheres vêm conquistando no esporte, como atletas. Gradualmente, elas conseguiram se inserir em competições que não exigissem tanta força e desempenho, mas que fossem necessárias a delicadeza e a habilidade feminina. Atualmente, estão ficando cada vez mais escassos as modalidades em que as mulheres não estão presentes.

### **Jornalismo Esportivo e as mulheres**

Jornalismo, de um modo geral, é pesquisar e obter informações com fontes confiáveis e divulgá-las através de jornal, revista, rádio, televisão ou internet, em forma de notícia, para o público. Entretanto, Rossi vai além dessa definição básica e declara que

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens (1994, p.7).

Com o tempo, foram surgindo conteúdos mais especializados por conta da demanda social e/ou de grupos sociais específicos como o Jornalismo Político, Econômico, Esportivo, dentre outros. De acordo com Coelho (2003), a mídia passou a



dar importância ao esporte na década de 1910, através do jornal *Fanfulla*, um dos poucos que faziam esse tipo de cobertura, porém, o termo Jornalismo Esportivo ainda não existia, por causa de preconceitos na área profissional. O autor confirma que

durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória (COELHO, 2003, p.9).

A editoria<sup>5</sup> foi se consolidando e nos anos 60 e 70 o esporte passou a ganhar mais espaço na mídia. Segundo Amaral (1982, p.98), no Brasil, o jornalismo esportivo se fortaleceu depois de uma série de acontecimentos, sendo um dos principais a inauguração do Maracanã, pois

[...] a história da crônica esportiva brasileira pode ser dividida em a.M e d.M., antes do Maracanã e depois do Maracanã. O Maracanã, a realização do campeonato mundial de futebol no Brasil, em 1950, a expressão do campeonato de 1954, na Suíça, as conquistas da “Seleção de Ouro” em 1958, na Suécia, e 1962, no Chile, e o exemplo da imprensa europeia, conferindo títulos de nobreza à reportagem esportiva, modificaram, no Brasil, a idéia do diretor ou do secretário de redação a respeito de esportes e atraíram para a mesma, redatores da melhor categoria (AMARAL, 1982, p.98).

Para o autor, o jornalismo esportivo brasileiro deixou de ser banal e sensacionalista, para ser mais fundamentado, gerando reconhecimento e satisfação do profissional. O mesmo foi observado também por Coelho (2003, p.10), quando destaca que “[...] a partir da segunda metade dos anos 60, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão”.

Os avanços culturais, sociais, tecnológicos e o desenvolvimento da mídia que se processaram durante a segunda metade do século XX deram um novo formato à sociedade, influenciando o comportamento feminino que buscou se inserir não somente nas atividades físicas, mas também em atividades laboriais, antes controladas pelos homens. Depois do atletismo, a mulher iniciou sua trajetória no jornalismo esportivo. Não satisfeita em participar ela também queria noticiar, divulgar e relatar os acontecimentos esportivos.

---

<sup>5</sup> Editoria: seção de um jornal, divisão das áreas de jornalismo, como: política, esportes, geral.



Para Barbeiro e Habib (apud SOARES et al, 2009, p.9),

As mulheres avançaram em estruturas sociais que eram exclusivamente de homens e passaram a dividir com eles a responsabilidade da construção da sociedade [...] Tornaram-se senhoras da história e ocuparam uma das estruturas mais importantes do poder que é a mídia. Não mais apenas como personagens das reportagens, mas como realizadoras do jornalismo.

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres para serem inseridas nas atividades esportivas foram enormes, inclusive sofrendo bastante preconceito. As pioneiras no Jornalismo Esportivo paranaense foram Malu Magalhães e Sonia Regina Nassar. As duas ingressaram na imprensa esportiva por volta da década de 60, com Malu Magalhães no jornal *O Estado do Paraná* e com Sonia Nassar na Tribuna do Paraná e no rádio.

Outra participação feminina marcante, na mesma época, foi da jornalista Vera Dayse Barcellos. Ela conta, na segunda edição de 2011 do Bate-papo Jornalístico, realizado no Rio Grande do Sul, sua trajetória no periódico gaúcho *Zero Hora*,

Fui a primeira mulher negra repórter esportiva de ZH. Comecei minha trajetória no Jornalismo na década de 60, durante a ditadura militar, quando havia censura e um forte preconceito contra a mulher. As mulheres que desempenhassem profissões de jornalista, atriz e bailarina, eram difamadas. (BARCELLOS, 2011).

Zimmermann, jornalista de televisão da Rede Paranaense de Comunicação (RPC TV), em entrevista ao site Paraná Online (2008), afirma que os homens acham que as mulheres não entendem nada de esporte. “Quando comecei a trabalhar, alguns profissionais me davam respostas, imaginando que eu não saberia dar explicações corretas”.

Em entrevista aos autores, o jornalista e comentarista do Espaço Esporte da rádio 98 FM, Cristian Toledo, confirma que muitos jornalistas pensam dessa forma e descreve a situação das mulheres no meio esportivo comentando que “é possível observar que tem muita mulher no mercado, mas, na televisão, por exemplo, elas ainda são muito utilizadas apenas como um objeto cênico, sendo exigida beleza delas e não conteúdo de informação” (TOLEDO, 2011).

Confirma-se que, além dos obstáculos profissionais, a mulher ainda foi alvo de preconceito que existe há muitos anos e ainda persiste nos dias de hoje. Cristian Toledo,





em entrevista, conta que presencia esse tipo de acontecimento, de rejeição da mulher para falar de esporte, mas afirma que para ele, sexo não faz diferença. “Prefiro não fazer distinção. Se a pessoa está trabalhando na área, é porque tem capacidade profissional para isso. O Jornalista tem que procurar melhorar sempre, sendo homem ou mulher. O que importa, é saber do que está falando” (TOLEDO, 2011).

Coelho (2003, p.35) dá destaque à uma jornalista esportiva do passado, por ter enfrentado preconceitos, mas com competência, domínio do assunto, conseguiu acompanhar grandes eventos esportivos:

O melhor exemplo talvez tenha sido Regiane Ritter, que trabalhou na cobertura de três Copas do Mundo. Era bem-informada e entendia do assunto. Tanto que suas claras demonstrações de conhecimento causam até hoje lembranças carinhosas em homens apaixonados por futebol. Quando ela começou, certamente havia muito mais preconceito do que hoje, tempo em que o espaço existe para ser conquistado (COELHO, 2003, p.35).

Nadja Mauad, jornalista da rádio CBN e do PFC Paraná da SporTV, conta sua experiência ao ingressar no jornalismo esportivo, em entrevista aos autores. Ela explica que sempre quis trabalhar com esporte e que teve sorte por conseguir emprego na área, logo que se formou na Universidade. Mauad (2011) afirma que ainda existe preconceito na área em relação às mulheres. “Se o jornalista homem erra alguma coisa, foi apenas um erro, mas se é a mulher quem comete um deslize, ela é discriminada, vista como se não entendesse nada”. Porém, ela destaca o fato de que a relação das mulheres jornalistas esportivas com seus colegas de trabalho está muito melhor, pois

Dentro do meu local de trabalho foi onde mais demorou para eu ser aceita. Nunca estavam satisfeitos com meu trabalho, tinham medo que eu errasse quando entrava no ar e até discriminaram a minha voz. Fazia muito tempo que uma mulher não entrava no gramado, desde Sônia Nassar e quando eu apareci, gerei polêmica. Até minha voz eu cheguei a mudar, por um tempo, para se tornar mais masculina. Mas hoje eu não passo mais por isso, pois o jornalismo e o público estão se acostumando cada vez mais com a presença feminina no esporte (MAUAD, 2011).

A jornalista ainda comenta que é evidente como é muito mais exigido da mulher, dentro do jornalismo, do que do homem e conta que a cada ano foi preciso se superar, para mostrar que era capaz e ganhar credibilidade, até conquistar o espaço que tem hoje.



### **As mulheres compõem a audiência**

Se não pode competir porque não é atleta, se não pode informar porque não é jornalista, pode assistir esportes nos estádios, na televisão, no rádio ou no computador. A audiência dos eventos esportivos também sofreu modificações. Ambiente com presença somente masculina até a primeira metade do século XX, gradualmente passou a ser frequentado por mulheres. Hoje, elas assistem, torcem e debatem sobre os jogos e programas esportivos.

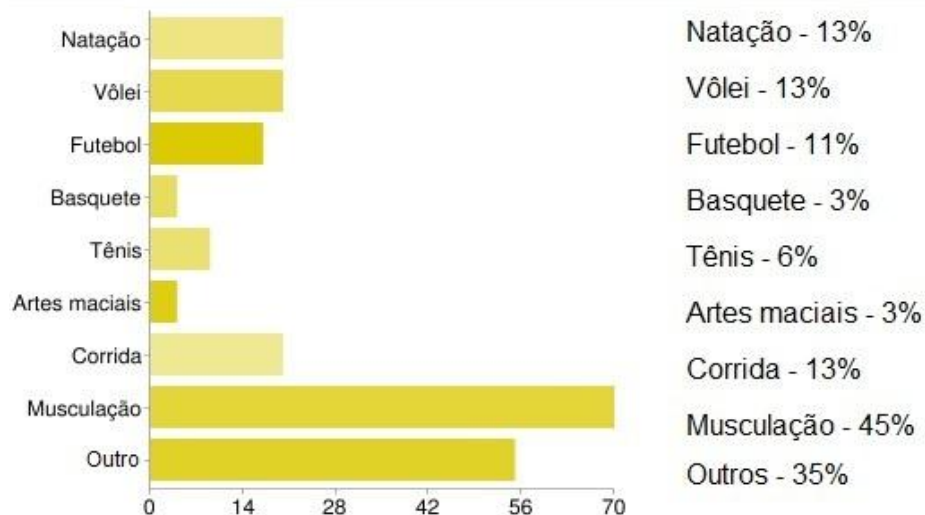
Um estudo realizado em 2010, pela empresa do Rio de Janeiro Sophia Mind Pesquisa e Inteligência de Marketing Feminino do grupo de Comunicação Bolsa de Mulher, com 2.084 mulheres demonstrou que 69% delas compram produtos relacionados a futebol, sendo 53% para consumo próprio, e ainda reclamam da escassez de artigos esportivos direcionados ao público feminino.

Na mesma pesquisa ainda consta que 80% das entrevistadas torcem por algum time, sendo que 42% escolhem por conta própria, e 74% delas assistem aos jogos pela televisão. Das mulheres entrevistadas, 60% delas afirmam procurar informações sobre os esportes em programas televisivos direcionados à área.

Em vista disso, é necessário que no processo de comunicação a recepção assuma função de destaque, que o receptor seja avaliado em termos de habilidades comunicadoras e de nível de conhecimento para que o conteúdo das mensagens tenha significado ao receptor. O tratamento que a fonte dá ao receptor é determinado pela análise das habilidades de comunicação (decodificação) do receptor, de suas atitudes, conhecimentos e posição no contexto sociocultural (HALL, 1973).

Nesta perspectiva, os autores deste artigo realizaram uma pesquisa por amostragem com 400 mulheres, via online, no período de março a maio de 2011, com questionário de 20 perguntas fechadas, cujo objetivo foi conhecer a opinião do público sobre a sua relação com o esporte.

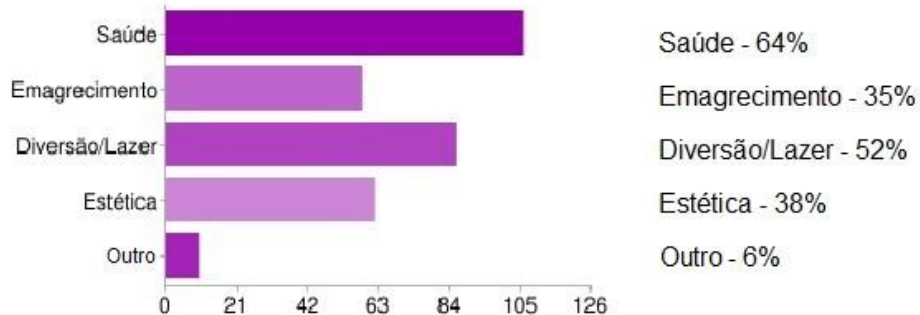
O questionário foi respondido por 348 mulheres, com 48% tendo menos de 21 anos e 36% na faixa etária entre 21 e 30 anos. Dentre as respondentes 41% delas somente estudam. Apesar de serem jovens, a maioria das mulheres não pratica esportes e quando pratica, o interesse é voltado para musculação e caminhada, como demonstra o Gráfico 1, que segue:



Gráfico 1 –  ndice de atividades mais praticadas pelas mulheres.  
Fonte: Os autores

O gráfico prova que os esportes competitivos recebem menos atenção das mulheres, pelo menos como atividade para exercício físico.

Outro fator relevante a ser analisado é o motivo que as mulheres têm para praticarem esportes, como demonstrado no Gráfico 2, a seguir:



Gráfico 2 – Motivo da prática feminina de esportes  
Fonte: Os autores

De acordo com o Gráfico 2, constata-se que o principal motivo da prática de esporte por mulheres   saúde, seguido de lazer e diversão.

Em rela o a possível existência de uma revista e de um programa de televisão, ambos para mulheres e apenas sobre esporte, a recepção foi favorável, indicando interesse em esportes em geral, mulheres no esporte, mas também saúde, cuidados com



a estética e nutrição. Um programa de televisão com foco nas mulheres ganhou 72% dos votos positivos, tendo os mesmos assuntos como favoritos.

Pode-se analisar que as mulheres estão abertas às novidades que contribuam para o seu cotidiano, que atualmente também inclui esporte. Mesmo que a maioria não esteja diretamente ligada às atividades esportivas, elas se interessam por receber informações sobre a área. A televisão é o meio de comunicação mais popular entre as mulheres, pois é mais rápido para noticiar novidades e a imagem ajuda a causar impacto, apesar de a revista ser um objeto muito apreciado pelas mulheres.

Mesmo a mulher se interessando mais por esporte e por notícias sobre o assunto, ainda é preciso saber como elaborar o material, para então publicá-lo, direcionado ao público feminino. Segundo Hall (2003), a comunicação não é perfeita e a mensagem transmitida pode ter distorções, ou seja, o receptor pode entender ou não o que o transmissor está dizendo, pois

A mensagem é uma estrutura complexa de significados que não é tão simples como se pensa. A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação. E a cadeia de comunicação não opera de forma unilinear (HALL, 2003, p.354).

O aumento da audiência desse público, de certa forma novo, é perceptível como Mauad (2011) reforça, a partir do número de participações em programas, em que a média é de cem por dia, sendo pelo menos vinte das mulheres.

### **Considerações**

A discussão teórica que se apresenta neste artigo traz à baila a relação das mulheres com o esporte, cujas dificuldades iniciais de participação impediram que elas se dedicassem aos esportes de uma maneira ou outra.

Nos dias de hoje, quando se vê os estádios lotados com grande parte por mulheres, quando se assiste um time feminino, qual seja o esporte, competindo de forma competente e vencendo, quando se acompanha os resultados dos jogos olímpicos com várias mulheres ganhando medalhas de ouro, não se tem ideia da trajetória dessas conquistas.

O público feminino não é simplesmente mais um nicho do mercado esportivo para consumo de produtos em geral e/ou de veículos de comunicação. É um público que lutou pela sua participação em todas as áreas da vida como política, econômica,



profissional, cultural e sobretudo esportiva. Alcançou finalmente sua condição de ser humano competente e adequado a qualquer atividade que deseje desenvolver.

O relato histórico demonstrou a luta persistente da mulher para ser aceita nas competições esportivas, alcançando presença significativa nos últimos eventos da era contemporânea.

Não menos importante foi a sua trajetória no jornalismo esportivo. Até hoje, ainda tratada com preconceito, ela sobrepuja esse obstáculo e se instala na cena esportiva noticiando, comentando e debatendo esporte nos programas jornalísticos.

E como audiência, ela demonstra seu entusiasmo, sua preferência e anima seu time, emprestando beleza, mas também conhecimento às torcidas nos jogos esportivos.

## Referências

AMARAL, Luiz. **Técnica de Jornal e Periódico**. 3ª ed. Fortaleza: Tempo Brasileiro, 1982.

BARCELLOS, Vera D. **Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <[http://www.jornalistas-rs.org.br/visualizarnews/form\\_vi\\_news.php?id=NTI](http://www.jornalistas-rs.org.br/visualizarnews/form_vi_news.php?id=NTI)>. Acesso em: 23 abr. 2011.

BARBEIRO, Heródoto; HABIB, Lia. **Jornalista: Profissão mulher** apud SOARES et al. **As mulheres no Jornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2522-2.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2011.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Disponível em: <[http://www.cob.org.br/brasil\\_jogos/home.asp](http://www.cob.org.br/brasil_jogos/home.asp)>. Acesso em: 11 abr. 2011.

Comitê Olímpico Internacional (COI). Disponível em: <<http://www.olympic.org/olympic-games - 11/04>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. **As relações entre os sexos no esporte**. Florianópolis. 1997. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12151/11421>>. Acesso em: 27 mar. 2011.

FRANÇA, Larissa. **A atleta de vôlei de praia**. São Paulo, 22 de maio de 2011. Gravado. Entrevista concedida a Adriana Maestrelli.

GOELLNER, Silvana V, 2007 apud GOELLNER, Silvana V. “**As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte**”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. Porto Alegre. 2008. Disponível em:



<[http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recordes/pdf/recordesV1N1\\_2008\\_15.pdf](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recordes/pdf/recordesV1N1_2008_15.pdf)>. Acesso: em 31 mar. 2011.

GOULD, Stephen J. A falsa medida do homem. Apud GOELLNER, Silvana V. **Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico.** 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3554/1953>> Acesso: em 31 mar. 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte, UFMG, 2003.

MAUAD, Nadja. **A mulher como jornalista.** Curitiba, 25 abr.2011. Entrevista concedida a Adriana Maestrelli.

OLIVEIRA et al. **A inserção histórica da mulher no esporte.** Rio de Janeiro: Universa, 2008. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/1133/884>>. Acesso: em 29 mar. 2011.

Revista Aventuras na História, versão online, s/p.. Disponível em: <<http://historia.abril.com.br/gente/maria-lenk-dama-piscinas-435139.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

ROSSI, Clóvis. **O Que é jornalismo?.** 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. **De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres.** 1999. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2484/1134>>. Acesso: em 18 abr. 2011.

Sophia Mind - Pesquisa. **Futebol – uma paixão nacional.** 2010. Disponível em: <<http://www.sophiamind.com/pesquisas/consumo-pesquisas/futebol-uma-paixao-nacional/>>. Acesso em: 25 abr. 2011.

TOLEDO, Cristian. **A mulher como jornalista e comentarista de esporte.** Curitiba, 05 de junho de 2011. Gravado. Entrevista concedida a Adriana Maestrelli.

ZIMMERMANN, Ana. A difícil vida das jornalistas esportivas. **Portal Paraná Online,** Curitiba, 19 set. 2008. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/65429/>>. Acesso em: 22 abr. 2011.